

A LINGUAGEM INTEGRAL: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Kenneth Goodman
Universidade de Arizona

Resumo

O presente artigo apresenta uma nova perspectiva de ensino da linguagem: a linguagem integral (whole language). Essa nova perspectiva deriva das respostas à pergunta: quando é fácil e quando é difícil aprender um idioma. O professor deve aprender constantemente das crianças: aprender a manter a linguagem integrada e a usá-la funcionalmente, tal como o fazem as crianças fora da escola, com o propósito de satisfazer suas próprias necessidades. Os mestres podem trabalhar as crianças, respeitando seu crescimento, o que ocorre na escola após e amplia o que ocorre antes e fora dela. Os programas de "linguagem integral" incluem tudo: linguagem, cultura, comunidade, alunos e mestres. Nesse tipo de ensino é fundamental a motivação; o aluno deve praticar muito e estar disposto a assumir riscos; mas, principalmente, deve ter a capacidade e o poder de usar a leitura e a escrita.

Abstract

The author presents a new approach to language teaching: the whole language. This new perspective has its support on the answers given to the following question: When is it easy or difficult to learn a language? Teachers should continuously learn from their children. They have to learn how to keep the language integrated with the context and how to use it in a functional way, similar to how children use it out of school in order to satisfy their needs. Teachers can cooperate with children by taking into consideration the levels of their physical and psychological development. The work realized in school should support and increase what happens before school and out of school. Programs of "whole language" practically include everything: language, culture, community, students, and teachers. Motivation is very important in this kind of teaching; students should practice in a continuous way and they always should be ready to assume risks; but before everything else, they should have the capacity and the opportunity to using reading and writing.

* Tradução autorizada pelo autor a partir do original espanhol "El lenguaje integral: un camino fácil para el desarrollo del lenguaje". A tradução foi realizada pela professora Adda-Nari Alves do Instituto de Letras e Artes da PUCRS.

COLÓQUIO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA LITERÁRIA

Rio de Janeiro, 5 a 10 de outubro de 1992

O Instituto da Língua Portuguesa por seu presidente Dr. Antonio Gomes da Costa constituiu a Comissão Organizadora do Colóquio com os professores: Silvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara, Maximiliano de Carvalho e Silva e Antônio Basílio Rodrigues.

O Colóquio consistiu de conferências plenárias, comunicações programadas, mesas-redondas, comunicações livres e debates.

O tema privilegiou a língua portuguesa literária em suas fases ou nos seus espaços.

A sessão arde de 5, às 18h 30min teve a atuação do Embaixador de Portugal na UNESCO - Prof. José Augusto Seabra com "A língua portuguesa nas organizações internacionais". O prof. Eugenio Coseriu da Universidade de Tübingen (Alemanha) discorreu sobre "A Língua Literária".

À tarde, a profª Angela Vaz Leão, da PUCMG, apresentou: "A recuperação do Português arcaico na língua literária contemporânea".

No dia 6 houve as conferências do Prof. Paul Teyssier da Universidade de Paris-Sorbonne - "Os autos de Gil Vicente como documentos linguísticos", Prof. Ivo Castro, Universidade de Lisboa, "Filologia Pessoa", Na mesma tarde a profª Cleonice Berardinelli, da PUCRJ - "O jovem Antero".

No dia 7 houve a mesa-redonda sobre a Língua Portuguesa no mundo afro-oriental com Maria Helena Sousa Lobo, de Cabo Verde, Jin Guo Ling, da China e representantes de Angola e Moçambique e da Índia.

A conferência da Profª Maria do Carmo Henriques, Universidade de Vigo - "A Língua Galego" - Portuguesa e suas relações com a Língua Portuguesa.

No dia 8 houve as conferências do Prof. Aníbal Pinto de Castro, Universidade de Coimbra, "A formação da língua literária no século XVI"; o prof. Maximiliano de Carvalho e Silva, Universidade Federal Fluminense, "Contribuição da crítica textual ao estudo da língua literária".

No dia 9 houve a mesa-redonda sobre a Linguagem de Graciliano Ramos pelos professores: Fernando Cristóvão, Universidade Clássica de Lisboa e Universidade Católica de Portugal, Adriano da Gama Kury, da Fundação Casa Rui Barbosa, e Gilberto Mendonça Teles da PUCRJ.

Nas comunicações livres do dia 9, Prof. Ir. Elvo Clemente da PUCRS, apresentou a Língua Literária e Crítica. À tarde houve a conferência do Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho - UFRJ - "A reatualização do Português Quinhentista".

O Colóquio prestou homenagem especial ao Prof. Dr. José Geraldo de Carvalho, Universidade de Coimbra, no lançamento do nº 4 da revista Confluência, a ele dedicado.

No encerramento, dia 10, a conferência de J.G. de Carvalho - "Difundir e atuar a Língua Portuguesa", estabeleceu o programa de ação dos professores de Língua Portuguesa nos países lusófonos.

Último ato foi a palavra emocionada e vibrante do Dr. António Gomes da Costa. Em todos ficou a imagem inextinguível da comissão organizadora do Colóquio, em sua clareza, gentileza e proximidade para o bem das pessoas e da Língua Portuguesa.

1. Introdução

Quero compartilhar hoje com vocês, uma nova perspectiva da educação, uma perspectiva muito interessante do ensino, um novo enfoque que se está difundindo de professor a professor nos Estados Unidos. Realmente é um movimento que comove até as raízes da Educação.

Os professores estão buscando e utilizando idéias provenientes de investigações como as nossas e as realizadas por Emilia Ferreiro e seus colaboradores, e as estão transformando em novas perspectivas de ensino.

O nome que se tem dado a esse enfoque, ao qual vou referir-me é o de "linguagem integral" (Traduzimos "whole language" ao castelhano como "lenguaje integral", mas significa também "linguagem integrada" porque consideramos que o processo de linguagem está integrado no processo de aprendizagem).

Não creio, nem quero que pensem, que esse é o enfoque que prevalece nos Estados Unidos. O ensino estadunidense (ou, dos Estados Unidos) continua dominado por provas objetivas de leitura e livros de texto. A indústria destas provas e destes livros vende aproximadamente 400 milhões de dólares por ano, contudo, a "linguagem integral" está se difundindo rapidamente e os professores estão deixando de lado as provas, seus resultados e os livros de texto, para transformar em ensino seus conhecimentos acerca da criança e da linguagem.

A "linguagem integral" está muito propagada no Canadá e na Austrália; durante 30 anos tem sido a forma dominante de fazer as coisas na Nova Zelândia e servirá de base ao novo currículo que se implantará, em breve, na Inglaterra.

Entretanto, nos Estados Unidos sua adoção prossegue sendo uma decisão política e profissional: o mestre deve decidir entre adotar, ou não, a "linguagem integral", entre rechaçar ou não a tecnologia dos livros de texto e as provas padronizadas. Os professores se estão fazendo perguntas básicas sobre a aprendizagem e estão desprezando os programas mais antigos que não oferecem respostas a estas perguntas.

Uma destas perguntas é quando é fácil e quando é difícil aprender um idioma. Durante muito tempo este mistério tem preocupado a docentes, pais e estudantes: a aprendizagem da linguagem, às vezes, parece exageradamente fácil e outras exageradamente difícil. É fácil fora da escola e difícil dentro dela.

Todas as crianças aprendem em muito pouco tempo a falar bem sua língua materna sem um ensino formal. Depois, chegam à escola e muitos parecem ter dificuldades na aprendizagem da linguagem, especialmente da linguagem escrita, apesar de receber o ensino de mestres dedicados que utilizam materiais custosos e cuidadosamente elaborados.

Estamos aproximando-nos do esclarecimento deste paradoxo aparente. Observações cuidadosas nos estão ajudando a entender melhor o que faz com que a linguagem seja fácil ou difícil de aprender. De fato, muitas práticas

escolares tradicionais parecem haver impedido ou dificultado o desenvolvimento da linguagem. Em nosso fervor por torná-lo mais fácil, temos tornado mais difícil. Como? Principalmente ao dividir a linguagem natural toda fragmentada em trechos pequenos, mas abstratos. Como parecia lógico pensar que as crianças aprendiam melhor coisinhas simples, desarmamos a linguagem e a convertimos em palavras, sílabas e sons isolados. Desafortunadamente, também desprezamos seu propósito natural — a comunicação de seu significado — e convertimos a linguagem numa série de abstrações, sem relação com as necessidades e experiências dos pequenos a quem pretendíamos ajudar.

As crianças aprendem a linguagem oral em seus lares sem que ninguém a dívida em pedaços pequenos. Aprendem-na quando necessitam dela para expressar-se e entendem o que os outros dizem, sempre que estejam com pessoas que utilizam a linguagem com sentido e com um propósito determinado.

Isto é o que muitos professores aprendem constantemente das crianças: aprendem a manter a linguagem integrada e a usá-la funcionalmente, tal como o fazem as crianças fora da escola, com o propósito de satisfazer suas próprias necessidades. Esta descoberta tão básica e simples conduz a mudanças muito profundas e comoventes nas escolas: leva a deixar de lado os textos de leitura programados em seqüência, os programas de ortografia e os exercícios de caligrafia; a excluir os textos de amadurecimento, os livros de exercício e as folhas de trabalho — ou, melhor ainda, a doá-los para as campanhas de papel da comunidade. Em lugar de tudo isto, convidam os alunos a utilizarem a linguagem; animando-os a falarem das coisas que precisam entender, ensinando-os que está certo perguntar e responder, escutar perguntas e escutar respostas, e sugerindo-lhes que escrevam acerca do que lhes acontece para que possam analisar suas experiências e compartilhá-las com os outros; estimulando-os a ler para informar-se, para poder manejar a palavra impressa que se encontra ao seu redor para desfrutar de uma boa história.

Desta maneira, os mestres podem trabalhar as crianças, respeitando seu crescimento. A aprendizagem da linguagem se torna tão fácil na escola como o é fora dela e é mais interessante, mais estimulante, mais divertida, tanto para as crianças quando para seus professores. O que ocorre na escola apóia e amplia o que ocorre antes e fora dela. Os programas de "linguagem integral" incluem tudo: linguagem, cultura, comunidade, alunos e mestres.

Vou contar-lhes uma história: minha filha é professora em uma escola do centro da cidade de Detroit e, numa oportunidade, quando estava falando com seus alunos de quarto grau sobre a aprendizagem, perguntou-lhes: "O que se tem de fazer para aprender a andar de bicicleta"? Os garotos lhe responderam que, em verdade, primeiro se deve querer aprender. Na educação, chama-se a isto, motivação. Também disseram que se tem de praticar muito; na realidade, não falavam de praticar senão de pedalar, de conduzir, de manter o equilíbrio, de subir e começar a andar.

Além disso, sustentaram que cada um deve ter coragem de cair bastante e isso, em educação, se chama — assumir riscos. Quando contei esta

história na Venezuela, disseram-me: "sim, é verdade, mas também se deve ter a bicicleta". Desde esse momento tenho contado essa história nos Estados Unidos porque enfatiza a necessidade de acesso: não é suficiente aprender a ler e escrever, mas que cada um precisa ter a capacidade e o poder de usar a leitura e a escrita.

1.1 . O que faz com que a linguagem seja muito fácil, mas ao mesmo tempo muito difícil de aprender?

É fácil quando:	É difícil quando
É real e natural	É artificial
Está integrada	Está fragmentada
Tem sentido	Não tem sentido
É interessante	É cansativa
Pertence ao aluno	Pertence a outros
É relevante	É irrelevante para o aluno
É parte de um fato real	Está fora do contexto
Tem utilidade social	Não tem valor social
Tem um propósito para o aluno	Não tem nenhum propósito verificável
O aluno escolhe como utilizá-la	É imposta por outros
É acessível ao aluno	Não é acessível
O aluno tem o poder de utilizá-la	O aluno não tem esse poder

O exposto demonstra que um programa de "linguagem integral" é mais prazeroso e mais divertido, tanto para os professores como para os alunos. E também é mais fácil e mais eficaz. As crianças levam à escola, junto com a linguagem que já aprenderam, a tendência natural de querer encontrar sentido no mundo. Quando o sistema escolar divide a linguagem em pequenos fragmentos, o sentido se converte em um mistério absurdo e sempre é difícil encontrar sentido no absurdo. O que se aprende de forma abstrata é esquecido logo. Finalmente, os alunos começam a considerar que a escola é um lugar onde nada tem sentido.

Esta é a razão pela qual a aprendizagem da linguagem é fácil fora da escola e, embora também devesse sê-lo no contexto escolar, freqüentemente se dificulta pelos seguintes fatores:

- A perspectiva ascendente ("botton-up") da aprendizagem: Avançar das unidades menores às maiores tem um elemento da lógica do adulto que é pensar que o todo é composto por partes e que, aprendendo as partes, aprende-se o todo. Mas a psicologia da aprendizagem nos ensina que aprendemos do todo para as partes. Por isso os professores da "linguagem integral" tratam as partes da linguagem - letras, sons, frases, orações - de forma integrada no contexto real do uso da linguagem. Este tema foi abordado por Yrone S. Freeman, em seu artigo "Métodos de leitura em espanhol: Refletem nosso conhecimento atual do processo de leitura"? (Leitura e Vida, ano 9,

nº 3, setembro de 1989, págs. 20-27), na qual se refere às relações existentes entre os distintos métodos de leitura e os modos de processamento da informação.

- Sequências artificiais de aptidões e habilidades:

Muitas das aptidões e habilidades foram escolhidas arbitrariamente. Sua investigação se realizou com ratos e pombas ou com crianças consideradas, no desenvolvimento da investigação, como se fossem ratos ou pombas. Os ratos não são crianças e não desenvolvem linguagem nem têm pensamentos humanos. As seqüências artificiais de aptidões e habilidades transformam as escolas em labirintos pelos quais as crianças devem passar.

- Enfoque equivocado que só considera a linguagem em si mesma: Quando o propósito do ensino é ensinar a linguagem por si mesma e se obriga as crianças a analisá-la como o faria um lingüista, o aluno deixa de prestar atenção ao que tenta dizer ou entender através da linguagem.

- As lições e as tarefas carecem de um conteúdo interessante e significativo e freqüentemente são irrelevantes para os alunos.

- Os exercícios cansativos e irrelevantes são especialmente pensados para as crianças que pertencem às culturas dominadas ou a minorias. Desta maneira, a elas se faz recordar constantemente a distância que medeia entre seu mundo e o mundo escolar. É difícil motivar as crianças a aprenderem quando o material que devem ler e escrever, escutar e dizer, não tem relação com o que elas são, pensam e fazem. Nos Estados Unidos as minorias que mais sofrem são a negra, a latina e a hispânica.

1.2 . A aprendizagem da linguagem na escola se facilitaria:

- se se provesse os alunos de uma linguagem integrada, significativa e relevante;

- se se conseguisse que os alunos utilizassem a linguagem para seus próprios propósitos; fora da escola, a linguagem funciona porque os que a usam querem dizer ou entender algo; nas salas de aula de "linguagem integral" os professores respeitam o direito das crianças a usar sua própria linguagem;

- se os alunos aprendessem através da linguagem enquanto aprendem a linguagem. A linguagem se aprende melhor quando o enfoque não está na linguagem em si mesma mas no seu significado comunicacional. Aprendemos através da linguagem enquanto desenvolvemos a linguagem. Não se

aprende a ler, lendo leituras; aprende-se a ler, lendo letreiros, embalagens, contos, revistas, jornais, guias de programas de televisão, cartazes.

— se o sistema escolar tomasse como ponto de partida o desenvolvimento da linguagem que as crianças já têm antes de entrar na escola, e as experiências que têm fora da escola. Os programas de "linguagem integral" diziam respeito aos alunos: quem são, sua origem, sua forma de falar, o que lêem e suas experiências anteriores à sua entrada na escola. Desta maneira não há crianças com desvantagens em relação ao sistema escolar. Respeitam-se os antecedentes lingüísticos das crianças, suas experiências, o que aprenderam a aprender por experiência própria e que o continuarão fazendo se o sistema escolar reconhecer o que são e quem são;

— se os programas escolares fossem considerados sob a perspectiva da conquista de poder por parte dos alunos. O sistema escolar deve enfrentar-se com o fato de que as crianças terão êxito na escola a partir da lectoescrita na medida em que tenham o poder de usar nas salas de aula a palavra escrita que elas e suas famílias possuem. Se a sociedade lhes negar este poder, não se dará o desenvolvimento da lectoescrita. Mas ajudá-los a conseguir um sentimento de controle e posse sobre seu próprio uso da linguagem e da aprendizagem na escola, sobre suas próprias ações de ler, escrever, falar, escutar e pensar, lhes permitirá tomar consciência de seu poder. As escolas com programas eficientes de "linguagem integral" podem ajudar as crianças a conseguir esse poder e a aceitar alguns conhecimentos que lhes sejam úteis pessoal e socialmente, através do desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

2 . A Escola: Uma Visão Integral

Hoje em dia muitas pessoas são céticas com respeito a programas humanistas que não dependem muito da tecnologia. Os tecnocratas pensam que a educação pode ser compartimentada em livros de exercícios e programas estratificados de ensino de conhecimentos quantificáveis que podem ser avaliados mediante pré-testes e pós-testes. Pensam que os professores que aplicam a "linguagem integral" não sabem o que fazem nem o que as crianças aprendem. Acusam-se esses professores de pensar que podem desenvolver a lectoescrita nas crianças, simplesmente querendo.

Os professores da "linguagem integral" não se devem pôr na defensiva nem se desculparem pois eles crêm nas crianças, respeitam-nas como educandos, estimam-nas em toda sua diversidade e as tratam com amor e dignidade. Isso é muito melhor que considerá-las como garrafas vazias que se tem de encher, como barro para modelar ou, pior ainda, como uns travessos malvados que lutam eternamente contra os professores. Os professores da "linguagem integral" crêm que as escolas existem para as crianças e não as

crianças para as escolas: não pensam que estas tenham que ser modeladas nem atulhadas de conhecimentos nem que se lhes deva modificar a conduta segundo a última moda em programas de disciplina, para convertê-las em bonecos que atuem, falem e se conduzam todos da mesma maneira.

Os mestres que levam em conta a corrente da "linguagem integral" crêm que há algo especial na aprendizagem e na linguagem do ser humano. Confiam em que cada criança tem uma linguagem e a habilidade para aprendê-la e rejeitam os enfoques negativos, elitistas e racistas da pureza lingüística que limitariam as crianças a uma linguagem "correta" escolhida arbitrariamente. Em troca, acreditam que seu papel consiste em ajudar as crianças a ampliar a maravilhosa linguagem que já utilizaram. Confiam que as crianças aprenderam e estão dispostas a ajudá-las a aprender.

A escola pode ser divertida. Não só pode, mas deve sê-lo. Aprender dentro da escola deve ser tão fácil e divertido como o é fora dela. Mais ainda, se as crianças são entusiastas e desfrutam com a aprendizagem. Também pode ser divertida a docência. Os mestres da "linguagem integral" não se envergonham ao admitir que amam sua profissão, ainda que recebam maus salários. Estes professores são profissionais orgulhosos!

Mas há muito mais na "linguagem integral" que um conceito positivo das crianças. Quando os mestres da "linguagem integral" elaboram o currículo, planejam o ensino e avaliam os progressos dos alunos, apóiam-se em teorias científicas baseadas em investigações realizadas nas áreas da lingüística, desenvolvimento da linguagem, sociolingüística, psicolingüística, antropologia e pedagogia. As bases humanistas e científicas do ensino integral se complementam e permitem que os mestres realizem seu trabalho como profissionais eficientes e comprometidos com sua tarefa.

3 . Qual é a Base do Ensino Integral?

A "linguagem integral" se apóia firmemente em quatro pilares humanístico-científicos: uma teoria sólida acerca da aprendizagem, uma teoria acerca da linguagem, uma visão da docência e do papel que deve desempenhar o professor e um conceito de currículo que se centra na linguagem.

3.1 . Uma teoria da aprendizagem:

- A aprendizagem da linguagem é fácil quando é integral, real e relevante, quando tem sentido e é funcional, quando leva em conta o contexto de seu uso e quando o aluno escolhe como utilizá-la.

- A linguagem é tanto pessoal como social. Está impulsionada de dentro pela necessidade de comunicação e está moldada de fora segundo as normas da sociedade. As crianças podem aprender tão bem a linguagem que inclusive são capazes de superar programas escolares contrários à produção.
- A criança aprende a linguagem à medida em que aprende através da linguagem e acerca da linguagem, num contexto de autênticos fatos de fala e de lectoescrita. Não existe nenhuma seqüência de habilidades no desenvolvimento da linguagem. Ensinar as crianças acerca da linguagem não facilita seu uso; a noção acerca de que "primeiro se aprende a ler e depois se lê para aprender" é incorreta: ambas as coisas sucedem ao mesmo tempo e se apóiam mutuamente.
- O desenvolvimento da linguagem outorga poder: quem aprende "possui" o processo, toma as decisões acerca de quando usá-la, para que e com que resultados. A lectoescrita também outorga poder se quem aprende tem o controle sobre o que faz com ela.
- Aprender a linguagem é aprender a dar significado, ou seja, aprender a encontrar sentido no mundo no mesmo contexto em que nossos pais, nossas famílias e, em geral, nossas culturas o encontram. O desenvolvimento cognoscitivo e o lingüístico são totalmente interdependentes: o pensamento depende da linguagem e a linguagem depende do pensamento.
- O desenvolvimento da linguagem é uma vitória pessoal e social.

3.2 . Uma teoria da linguagem

O ensino integral da linguagem também se baseia em teorias e conhecimentos científicos. Halliday diz que temos tratado a linguagem com demasiada solenidade mas sem suficiente seriedade. Nossa tendência é aceitar conceitos limitados acerca da linguagem. Os puristas da linguagem, que se julgam juízes, nos aconselham que sejamos totalmente corretos no uso da linguagem. Esta solenidade mascara uma total falta de respeito pela linguagem, confunde a eficácia da linguagem com o "status" de quem fala, pois se considera melhor a linguagem das pessoas que têm poder e uma certa posição social que a linguagem das outras pessoas. As atitudes sociais para a linguagem refletem as atitudes sociais para as pessoas.

Nossa visão da linguagem é mais séria e científica. Os mestres da "linguagem integral" sabem que toda linguagem tem símbolos e sistema e que os distintos dialetos das diferentes línguas têm registros e gramática. As pessoas que falam de maneira diferente não são deficientes numa perspectiva lingüística. Mark Twain, com sua percepção de escritor, expressa perfeitamente este ponto numa nota explicativa que precede a *Huckleberry Finn*:

"Neste livro se utilizam vários dialetos; para ser precisos: o dialeto dos negros de Missouri, a forma extremista do dialeto "backwoods" do sudoeste, o dialeto vulgar do condado Pike, e quatro variedades modificadas deste último. Os matizes não são feitos ao acaso, nem por conjectura, mas laboriosamente e com orientação e o apoio confiáveis do conhecimento pessoal destas formas de fala. Dou esta explicação porque sem ela muitos leitores suporiam que estes personagens tratavam de falar da mesma forma, sem êxito".

A corrente da "linguagem integral" sustenta que a linguagem é integral quando considerada em sua totalidade: não exclui idiomas, dialetos ou registros porque seus falantes carecem de uma certa posição; considera-se que cada forma de linguagem constitui um recurso lingüístico valioso para seus usuários. Isto não significa que os mestres da "linguagem integral" não se dêem conta dos valores sociais dados às distintas variedades de linguagem e de como estas afetam a quem as utilizam, mas são capazes de pôr estes valores sociais numa perspectiva apropriada.

A linguagem é uma totalidade indivisível. O ensino integral da linguagem reconhece que as palavras, os sons, as letras, as frases, as cláusulas, as orações e os parágrafos são como as moléculas, os átomos e as partículas subatômicas dos objetos. As características das partes podem ser estudadas mas o todo sempre é mais que a soma das partes. Se se reduz uma mesa aos elementos que a compõem, já não é uma mesa. As características do carbono, do hidrogênio e de outras partículas podem estudar-se e isto nos ajuda a entender como pode existir uma mesa, mas não construímos a mesa com esses elementos.

A linguagem somente é linguagem quando está integrada. O texto, ou seja, o discurso no contexto de um ato de fala ou de lectoescrita é, na realidade, a mínima unidade funcional, o todo mais simples com sentido. Quando os professores e seus alunos vêem palavras, frases e orações o fazem sempre no contexto de textos completos e reais que formam parte de experiências lingüísticas autênticas das crianças.

Tem sido inevitável que os lingüistas e outros pesquisadores transferissem sua atenção das menores partes aos textos completos. Começaram a proferir-nos com informações acerca do que define um texto e acerca de como as pessoas podem produzir textos compreensíveis com sentido claro. Agora começamos a nos dar conta de que cometemos erros em aula quando tratávamos de simplificar a aprendizagem da linguagem. O vocabulário controlado, os princípios decifrados (as relações grafo-fônicas) e as orações curtas e construídas artificialmente que se usavam nos textos de iniciação à leitura, produziam "não-textos". O que oferecíamos às crianças não era harmônico, era imprevisível e não correspondia às expectativas dos leitores mesmo os menores que já sabem como funciona uma história verdadeira. Por cima de tudo estava a nuvem escura da falta de relevância e o desânimo. Ensinávamos a escrever, exercitando os alunos em caligrafia, ortografia e outras habilidades mecânicas e desta maneira nos afastávamos do que o uso da língua oral lhes havia ensinado acerca de como produzir textos funcionais.

Tanto a escrita como a leitura são processos dinâmicos e construtivos. Os escritores têm que decidir sobre o quanto oferecer para que os leitores possam inferir e recriar o que o escritor criou. Os leitores terão presente seus conhecimentos do texto, seus próprios valores e suas experiências, para encontrar sentido no texto. Os textos devem ser reais e não armados artificialmente para que neles se possa encontrar uma certa lista de palavras ou uma seqüência fônica. Os escritores devem conhecer a sensibilidade de sua audiência e os leitores, a sensibilidade do autor. Os escritores autênticos têm algo a dizer e os leitores autênticos sabem como entender e responder. Os professores da "linguagem integral" têm uma percepção básica de como funciona a linguagem. Lewis Carroll disse: "Cuide do sentido que os sons sairão bem por si mesmos". Ao trabalhar com a linguagem, os professores da "linguagem integral" sabem que essa linguagem é integral, tem sentido, que todas as partes devem estar na perspectiva apropriada e que, dessa maneira, a aprendizagem será mais fácil.

3.3 . Uma visão do ensino

O respeito e a compreensão da aprendizagem e a linguagem se equiparam ao respeito e à compreensão do aprendiz.

Os professores da "linguagem integral" se consideram profissionais. Para levar a cabo seu trabalho recorrem constantemente a um corpo científico de conhecimentos; sabem acerca de metodologias, currículo, aprendizagem, linguagem e crianças.

Assumem a responsabilidade de seus sucessos e seus fracassos. Esperam ter um campo onde utilizar suas habilidades e conhecimentos profissionais. Esperam o respeito de seus alunos, dos administradores e do público e entendem que o respeito se conquista com uma conduta profissional. Sentem orgulho e prazer com seu trabalho. Têm confiança na docência e nas decisões que tomam, porque têm confiança nas bases humanísticas e científicas de sua prática. Esperam certo grau de autonomia na sala de aula, pois nenhum profissional pode trabalhar sujeito a limitações rígidas impostas pela administração, seja através de programas, currículos ou materiais. Fazem variações no uso dos textos aprovados e os currículos prescritos, segundo seu critério profissional, com o objetivo de satisfazer as necessidades de seus alunos. Aplicam seu critério aos métodos, materiais e currículos e avaliam seu efeito potencial nos alunos. Em algumas circunstâncias, podem considerar necessário recusar certos materiais e certos programas, assim como um médico se reserva o direito profissional de rejeitar certos tratamentos, drogas e procedimentos.

Os textos seriados de leitura, os livros de exercícios, as seqüências de habilidades e os materiais de prática que fragmentam o processo são inaceitáveis para os professores da "linguagem integral". Nesses materiais, se faz uma apresentação não científica dos fenômenos lingüísticos que fazem per-

der o tempo que se deveria empregar para ler e escrever, produtivamente. Muitos destes professores não usam livros seriados de leitura mas organizam seus programas sobre a base da literatura infantil, freqüentemente em unidades temáticas. Alguns professores resgatam o que há de bom na literatura infantil em livros seriados para apoiar o programa de "linguagem integral". Porém, alguns programas – entre eles, os de ensino estratificado de conhecimentos quantitativos – se baseiam tão rigidamente em exercícios arbitrários de habilidades descontextualizadas e em seqüências rígidas de pré-teste, teste e pós-teste, que o próprio programa vai contra os critérios da "linguagem integral". Além disso, estes programas monopolizam o horário escolar e convertem o progresso escolar, em avançar no programa e não numa aprendizagem verdadeira. Os professores se convertem em robôs: são técnicos representando um ponto de vista alheio. Com efeito, os programas que são controlados de forma tão rígida se baseiam na suposição de que o professor é incompetente. Os professores da "linguagem integral" têm o direito e a obrigação de rejeitá-los em nome das crianças às quais ensinam, em nome de seu próprio profissionalismo.

Os professores da "linguagem integral" entendem que depois de tudo, a aprendizagem se dá em cada criança. Procuram criar ambientes e interações sociais apropriadas e influir na velocidade e direção da aprendizagem pessoal. Estão totalmente convencidos de que o professor guia, apóia, monitoria, orienta e facilita a aprendizagem, porém não a controla. Estão conscientes da universalidade da aprendizagem humana e dos processos lingüísticos e cognitivos, mas compreendem que cada aluno pode seguir caminhos distintos. Esperam que os alunos cresçam e planejam levando em conta seu desenvolvimento, não impondo normas arbitrárias de rendimento.

Os professores da "linguagem integral" nunca estão totalmente satisfeitos. Seguem tratando de tornar mais relevante o currículo de prover a aula de experiências lingüísticas tão autênticas e importantes como as que ocorrem fora da escola, de chegar a cada criança e ajudá-la a ampliar sua competência lingüística à medida em que continua aprendendo através da linguagem.

Há novas posturas que o professor deve assumir. Minha esposa inventou uma expressão em inglês, que pode traduzir como "o que observa a criança", para designar uma destas posturas. Sabemos como observar as crianças e ver suas potencialidades, suas necessidades e sabemos qual é o momento mágico no qual as crianças estão prontas para aprender e até onde poderão chegar com pouquíssima ajuda. Vygotsky, o psicólogo russo, denomina esse período como a zona de desenvolvimento próximo. O professor sabe como detectar essa zona e como ajudar a criança. Os professores são os iniciadores, sabem como criar situações estimulantes de aprendizagem e contextos sociais de uso da língua e convidam as crianças a que se unam a eles na aprendizagem. São mediadores que fornecem a ajuda necessária, no momento necessário, sem verificar o processo de aprendizagem da criança e, como disse Paulo Freire, são libertadores que liberam a criança para usar seus conhecimentos, suas estratégias e a curiosidade em sua expressão máxima sem limites arbitrários.

3.4. Uma visão do currículo

3.4.1. Integração

Se a linguagem se aprende melhor e mais facilmente quando é integral e está em seu contexto natural, a integração é um princípio fundamental para o desenvolvimento lingüístico e a aprendizagem através da linguagem. De fato, o desenvolvimento da linguagem e o conteúdo aprendido chegam a ser um duplo currículo. Do ponto de vista dos alunos é um currículo único que enfoca o que se aprende e que leva em consideração o objetivo que tende ao uso da linguagem. Mas para o professor há sempre uma dupla tarefa: de um lado, oferece o máximo de oportunidade aos alunos para que participem de fatos autênticos da fala e da lectoescrita e, por outro, devem investigar a comunidade, estudar um tema literário, levar a cabo um estudo científico sobre ratos ou familiarizá-los com frações e decimais. O professor avalia tanto o desenvolvimento lingüístico como o cognitivo. Os processos de falar, escutar, escrever e ler têm lugar no contexto das explorações do mundo: as coisas, os fatos, as idéias e as experiências. O conteúdo do currículo leva em conta os interesses e as experiências que as crianças têm fora da escola e, deste modo, incorpora toda a gama das funções lingüísticas orais e escritas. Converte-se num currículo amplo e rico que começa com a linguagem e o conhecimento que o aluno possui e constrói com eles.

A meta e o crescimento individual e não o alcance de determinados níveis. Os professores da "linguagem integral" aceitam as diferenças entre os alunos. Planejam para que cada criança seja cada vez mais eficaz e eficiente no uso da linguagem e no seu conhecimento e compreensão do mundo. Os processos lingüísticos se integram: as crianças falam, escutam, escrevem ou lêem de acordo com suas necessidades. Numa representação de fantoches para dramatizar um conto, lê-se o conto, escreve-se um roteiro ou um plano, e vários membros do grupo participam como atores, diretores ou público.

Se um grupo de alunos estuda sobre ratos, podem conversar e planificar seus estudos, ler materiais didáticos, planejar e escrever cartazes, fazer e anotar observações e apresentar informações orais e escritas. Em matemática podem ser usados objetos manipuláveis para explorar as frações, os resultados podem ser discutidos e as conclusões podem ser escritas. Nada disto é novo, evidentemente. Mas a integração se converte no tema central do currículo do ensino integral.

3.4.2. Opção, posse, relevância

A autenticidade é essencial. As crianças necessitam sentir que o que fazem através da linguagem teve sua escolha por ser útil, interessante ou divertido para elas. Precisam ser os donos dos processos que utilizam para sentir que as atividades lhes pertencem e não são só tarefas escolares para agradar aos professores. O que fazem deve agradar-lhes pessoalmente. Não é simples nem fácil alcançar a meta de oferecer opções, de fazer sentir às

crianças que são donas do que fazem e dar-lhes atividades que tenham relevância para elas através do currículo. Mas para os professores da "linguagem integral" esta meta está presente para assegurar que o currículo seja o mais efetivo possível.

3.4.3. A linguagem através do currículo

Um currículo como o descrito não é difícil de alcançar em sala de aula com um só professor, como nas escolas primárias. O conceito denominado "linguagem através do currículo" destinado a escolas secundárias departamentalizadas, está sendo difundido desde a Inglaterra até a maioria dos países que falam o inglês. Nele se solicita aos professores das diferentes disciplinas que considerem como se utiliza a linguagem em sua área e que vejam seu currículo como um duplo currículo com o objetivo duplo que isto implica. Os professores de matemática devem considerar a linguagem matemática como um registro especial e devem ajudar aos alunos a aprender a dominá-la à medida em que se familiarizam com os conceitos e as soluções dos problemas matemáticos. Os professores de espanhol, os bibliotecários e os especialistas em lectoescrita devem planejar e inclusive trabalhar em equipe com professores de outras matérias para alcançar uma maior integração.

3.4.4. Unidades temáticas

Os professores da "linguagem integral" organizam todo o currículo ou grande parte dele tomando como base tópicos ou temas. Quais são os riscos da guerra nuclear? A contaminação da água é um perigo para nossa comunidade? A história do nosso bairro. Como cuidar das galinhas. A nutrição no rato. Podem ser unidades de ciências naturais, de ciências sociais, de literatura ou unidades que integram estas três áreas ou outras como artes, humanidades e inclusive educação física. A unidade provê um núcleo de interesses para a investigação, a utilização da linguagem e o desenvolvimento cognitivo. Os professores da "linguagem integral" dividem com os alunos o processo de planejar e lhes oferecem diferentes opções de atividades relevantes no marco de estudos significativos.

4. O Que é Uma Aula de "Linguagem Integral"?

Um observador casual nem sempre percebe a organização as aulas de ensino integral. Os professores e as crianças planejam de forma conjunta o que vão fazer, quando e como o farão, que materiais são necessários, como obtê-los ou distribuí-los e onde localizá-los. Os planos a longo prazo provêm

um marco geral e os de curto prazo explicitam os detalhes. Ouve-se o susurro da atividade, nota-se o nível de participação das crianças e os professores, goza-se com o bem-estar e a comodidade que todos manifestam, admiram-se as transições relativamente tranquilas ao passar de uma atividade a outra e se aprecia uma ordem não imposta. O professor se incumbem da sala de aula porém um visitante poderia demorar alguns minutos antes de localizá-lo, porque esse professor está participando em várias atividades na sala de aula.

É óbvio que algumas salas de aulas são fisicamente mais adequadas que outras para as atividades de ensino integral. As filas de bancos fixados no piso não facilitam a tarefa. Lillian Weber ajudou professores de Nova York a implementarem a educação aberta utilizando os corredores dos colégios. A visão que se tem da linguagem, o ensino, a aprendizagem e o currículo é o que define a aula de "linguagem integral"; o ambiente físico pode ser adaptado.

O Ministro da Educação da Argentina disse que a alfabetização é necessária para uma democracia, mas infelizmente, há muita gente alfabetizada que não vive em democracia. Para aprender a viver em democracia deveremos ter aulas democráticas.

4.1 . Um ambiente cheio de materiais para a lectoescrita

Em uma sala de aula de "linguagem integral", há livros, revistas, jornais, guias, cartazes, pacotes, etiquetas, cartolinas e toda classe de palavras impressas em todas partes. Os alunos levam uma variedade de materiais impressos segundo seus interesses e o currículo nas escolas primárias, as salas de aulas têm caixas, centros de escrita com variedade de papel e instrumentos para escrever, uma biblioteca num canto, uma banca de periódicos e cartazes que identificam estes lugares. Ninguém é demasiado pequeno para participar na criação de um ambiente que contenha palavras impressas: para ditar uma história identificar as coisas com seus nomes, organizar armações para fixar anúncios, etc.

4.2 . Centros e recursos

Atualmente os centros de aprendizagem são muito comuns. Os professores da "linguagem integral" preferem centros organizados sobre a base de tópicos e unidades temáticas, estruturados para facilitar a integração de todos os processos linguísticos com a aprendizagem conceitual. Os centros de escrita ou centros de livros estão organizados para facilitar o estudo das unidades temáticas e dos tópicos gerais. Em alguns programas mecanicistas,

os centros são lugares onde os alunos vão cumprir tarefas e exercícios mecânicos, de modo diferente do que ocorre nos centros que estão nas aulas onde se desenvolve "ensino integral".

Normalmente os alunos organizam seu próprio sistema de distribuição. A aula de "linguagem integral" é a aula dos alunos, os quais se encarregam de que os materiais sejam acessíveis e sua distribuição, respeitada. Os alunos fixam regras para obter e usar os materiais e os aparelhos, para deslocar-se na sala de aula e para sair dela. O professor está presente, vigiando, participando, assegurando-se de que não se criem obstáculos no cumprimento do currículo integral, e ajudando a resolver conflitos e dúvidas. Os alunos não necessitam de permissão especial para consultar o dicionário ou outro livro, quando têm uma dúvida de ortografia. Um grupo pequeno pode decidir por si mesmo quem virá retirar um livro da biblioteca. Uma aluna pode pedir a um companheiro que lhe dê uma frase para o texto que está escrevendo, sem que isso incomode a qualquer colega.

5 . Materiais para a "Linguagem Integral"

Não se necessitam de livros seriados de leitura, de programas estratificados de ensino ou do tipo convencional de material didático. Com efeito, as folhas duplicadas de exercício e os livros de trabalho são inadequados para os programas de "linguagem integral". O adequado é tudo aquilo de que as crianças necessitam ou querem ler ou escrever. São necessários muitos livros recreativos de ficção e não ficção, que contenham uma ampla variedade de dificuldades e que respondam a diferentes interesses; recursos de todo tipo, alguns preparados especificamente para o uso escolar (como dicionários e enciclopédias para principiantes) e alguns do "mundo real" (como guias de telefone, de televisão e livros de consulta para adultos).

O dinheiro que se gasta em textos de leitura, escrita, ortografia e caligrafia pode utilizar-se para manter a sala de aula equipada com uma rica variedade de recursos autênticos. Cada sala precisa de sua própria biblioteca, aumentada por clubes de livros e intercâmbio de livros, livros emprestados pela biblioteca municipal, coleções emprestadas temporariamente pela biblioteca do colégio e livros escritos por alunos-autores e produzidos artesanalmente no centro de publicações da sala de aula. É muito importante ter uma ampla variedade de livros e outros materiais a mão.

A "linguagem integral" é uma tentativa de voltar ao básico, no verdadeiro sentido da palavra, de deixar de lado os textos seriados, os livros de exercícios e as provas e de convidar novamente as crianças a aprender a ler e escrever lendo e escrevendo material autêntico.

6.1. Princípios para a leitura e a escrita

O leitor constrói o significado enquanto lê. Utiliza a experiência e a aprendizagem prévias para encontrar sentido nos textos.

O leitor prediz, seleciona, confirma e se autocorrigue à medida em que tenta encontrar sentido na palavra impressa, isto é, formula hipóteses sobre o que ocorrerá no texto. Controla a sua própria leitura para ver se interpretou bem ou se necessita corrigir-se para continuar encontrando sentido. A leitura efetiva tem sentido.

O leitor eficiente lê com um mínimo de esforço. Os leitores rápidos compreendem melhor, são efetivos e eficientes no processamento da informação do texto.

O escritor inclui a suficiente informação para fazer com que seus leitores compreendam o que escrevem. A escrita efetiva tem sentido para a audiência à qual se destina. A escrita eficiente inclui só o suficiente para que seja compreensível.

Três sistemas lingüísticos interagem na linguagem escrita: o grafofônico (seqüências de sons e letras), o sintático (estruturas de orações) e o semântico (significado). Podemos estudar estes sistemas separadamente, mas não podem ser isolados no processo de ensino porque corremos o risco de cair em abstrações que não são linguagem. Os três sistemas operam dentro de um contexto pragmático, ou seja, no quadro da situação prática em que a leitura e a escrita têm lugar.

Este contexto contribui também ao êxito ou ao fracasso da lectoescrita. A compreensão do significado é sempre a meta do leitor.

A expressão do significado é sempre o que o escritor tenta conseguir.

Tanto o escritor como o leitor estão muito limitados pelo que já sabem, o escritor ao produzir e o leitor ao compreender.

Os programas escolares de lectoescrita devem ser construídos sobre os conhecimentos prévios e devem utilizar motivações intrínsecas. A lectoescrita é uma extensão da aprendizagem integral e natural da linguagem: é funcional, real e relevante.

- A lectoescrita evolui do todo para a parte, do geral ao preciso, do grosso ao fino, do altamente concreto e contextualizado ao mais abstrato, de contextos conhecidos aos não-conhecidos.

As estratégias utilizadas na produção (escrita) e a compreensão (leitura) se constroem quando a linguagem é usada funcional e significativamente.

- O desenvolvimento das funções de leitura e escrita motiva o desenvolvimento da habilidade de controlar a forma em leitura e escrita e lhe dá continuidade.

- Não existe nenhuma hierarquia de destrezas e subdestrezas nem uma seqüência universal obrigatória.

- A lectoescrita evolui em resposta às necessidades pessoais e sociais. As crianças que crescem em ambientes cheios de palavras impressas desenvolvem sua competência para a lectoescrita antes de entrar na escola.

- Não há nenhuma correspondência exata entre ensinar a aprender. A professora organiza o ambiente, estimula, controla o desenvolvimento, equipa com materiais relevantes e apropriadas e convida os alunos a participarem e planejarem eventos de lectoescrita e atividades de aprendizagem. Finalmente é o aluno quem constrói o conhecimento, as estruturas do conhecimento e as estratégias a partir do ambiente criado pelo professor.

- À medida em que os professores controlam e apoiam o desenvolvimento das estratégias de leitura e escrita, os alunos levam em conta a comunicação do significado. Assim há um duplo propósito no ensino da lectoescrita. As crianças levam em conta o objetivo para o qual utilizam a leitura e a escrita, em troca, os professores consideram o desenvolvimento e o uso da lectoescrita.

- A vontade de arriscar é essencial: o aluno deve ser estimulado a predizer e a adivinhar à medida em que tenta encontrar sentido na palavra impressa. O aluno que está aprendendo a escrever deve ser estimulado a pensar sobre o que quer expressar, a explorar gêneros, a inventar formas, a escrever palavras e a experimentar com a pontuação. Os alunos necessitam compreender que os miscues, a ortografia espontânea e outras imperfeições são parte da aprendizagem.

- A motivação sempre é intrínseca. As crianças aprendem a ler e escrever porque precisam e querem comunicar-se. Os prêmios extrínsecos não têm lugar num programa de linguagem integral. O castigo por não aprender é ainda mais inapropriado.

- A pergunta mais importante que um professor pode fazer a um leitor ou escritor é: isto tem sentido? Deve-se encorajar os alunos a se fazerem a mesma pergunta quando lêem e escrevem.

- Os materiais didáticos devem ser textos completos, significativos e relevantes. Desde as primeiras experiências escolares, estes materiais devem ter todas as características da linguagem funcional e real. Não se necessitam textos especiais para ensinar leitura ou escrita.

- É indispensável deixar de lado os exercícios que fragmentam a linguagem em pedaços pequenos.

- A medida da revelação é a verdadeira medida da dificuldade de um texto para um leitor em particular. Quanto mais revelador seja, mais fácil será.

7. Conclusão

7.1. Podemos resumir assim na íntegra a linguagem integral

Os alunos realizam uma aprendizagem integral da linguagem em situações integrais.

- A aprendizagem integral da linguagem se baseia no respeito pela linguagem, pelo aluno e pelo professor.

- A "linguagem integral" é centrada no significado e não na linguagem em si mesma, considera fatos autênticos da fala e da lectoescrita.

- Os alunos são estimulados para que se arrisquem a utilizar a linguagem em todas suas variedades e levando em conta seus próprios propósitos.

- Todas as funções da língua oral e da língua escrita são consideradas apropriadas e se estimulam na sala de aula onde se ensina "linguagem integral".

7.2. A linguagem integral é para todos?

Nos Estados Unidos, as crianças a estão aproveitando porque não limita sua aprendizagem, libera a capacidade que elas têm para aproveitar essa aprendizagem. Ainda dentro dos grupos mais exitosos de nossa sociedade, muitas vezes as escolas desperdiçam as mentes mais criativas com as atividades tradicionais. A "linguagem integral" é também sumamente viril para aqueles setores que até agora não temos atendido bem. Nos Estados Unidos, na metade da década de setenta, 80% das crianças que começavam a escola, terminava o secundário, mas desde então essa cifra tem decrescido porque evidentemente não temos aprendido bem como atender às necessidades das pessoas carentes e das minorias. John Dewey disse: "As escolas

devem escolher, podemos fazer com que o aluno se adapte à escola ou adaptar a escola ao aluno". O que a "linguagem integral" faz é adaptar a escola ao aluno.

Com base de conhecimentos que agora temos e com professores comprometidos e informados poderemos construir escolas que atendam às necessidades de nossas crianças. Muito obrigado.

